

DOM AFONSO NIEHUES (+29.09.93)

Paulo L. Medeiros Vieira
Advogado e Professor na UFSC*

Quando desliguei o telefone, atingido pela notícia de sua morte, como por um petardo, a imagem de Dom Afonso que se fixou demoradamente em minha retina foi a de sua pregação na missa de 30º dia de Dna. Zita Koerich, na matriz de São José, em inícios de agosto p.p.

Não era propriamente a figura aristocrática do Arcebispo Metropolitano, de mitra e báculo, anunciando o Reino, encaminhando para a Vinha, admoestando, interpretando textos contravertidos do Evangelho. Era, sim, com a mesma dignidade, é verdade, a imagem do Servo do Senhor, avançado em anos, os cabelos encanecidos, posto ele mesmo diante do mistério insondável da morte.

Nunca me pareceu mais humano; ao mesmo tempo grande como os profetas do Antigo Testamento e frágil como uma criança enroscada no pescoço do pai.

Como um antropólogo, recapitulou a caminhada do homem ao longo do tempo, com suas crenças, seus sonhos, suas utopias. Como Bispo da Igreja, associou a essa experiência, puramente humana, a História da Salvação, o encontro de Deus com o homem e a revelação de Deus em seu Filho feito homem.

A figura cativante daquele ancião de setenta e nove anos

Mas em certo sentido, o teólogo, o antropólogo, o sucessor dos Apóstolos, pareceu insignificante em confronto com a figura cativante daquele ancião de setenta e nove anos que se completaram depois, às voltas com um diagnóstico médico sombrio. Dom Afonso, por assim dizer, abrindo parêntesis na linha que vinha seguindo, contou o seguinte episódio, que reproduzo tão fielmente quanto o permitem as minhas lembranças:

“Tive uma irmã religiosa, Irmã Alice, da congregação da Divina Providência, que morreu de câncer. Eu a visitava com alguma frequência. Certa vez fiz-lhe a seguinte proposta: ‘Irmã Alice, você está doente, tem câncer, e sabe que qualquer dia vai morrer. Pois eu quero fazer-lhe um pedido. Você vai voltar para me dizer como é.’ Minha irmã se surpreendeu com minha iniciativa e reagiu de pronto: ‘Dom Afonso, você sabe que nunca ninguém voltou de lá pra contar como é, e eu também não vou voltar. Não conte com isso. Não, não lhe prometo nada.’

Depois, Dom Afonso retomou a homilia dizendo que, para o cristão, a morte já não encerra nenhum mistério, depois que Cristo anunciou o Reino e prometeu preparar-nos um lugar (cf Jo 14,2-3). Mas o momento culminante da pregação havia passado. Somente um íntimo de Deus, um homem genuinamente humano e virtuoso seria capaz desse gesto de humildade. O Arcebispo Emérito era, antes de tudo, isso mesmo, UM HOMEM.

Nesta singela homenagem, que é também o preito de saudade de um leigo a quem foi concedido o privilégio de uma longa e fecunda amizade com seu Pastor, gostaria apenas de pinçar alguns episódios que me parecem ilustrativos de sua personalidade.

1. O amor do Bispo por seu clero. Certa feita, após uma reunião da Comissão de Justiça e Paz ficamos conversando defronte ao CAP (Centro Arquidiocesano de Pastoral). Mas Dom Afonso não parecia com sua disposição habitual. Lá pelas tantas

insinuei, para provocá-lo, que parecia cansado, quem sabe trabalhando demais. Ao que ele respondeu, batendo com o indicador no peito, repetidamente:

– “Não, não é isso. Olhe, Dr. Paulo, o meu coração de bispo tem como um sininho. E esse sininho está me dizendo que hoje eu perdi um padre”.

Dom Afonso não se limitou a autorizar a implantação do Movimento de Cursilhos

E contou, pedindo reserva, de um jovem padre que estivera com ele aquela tarde e como, da conversa longa e penosa, lhe restara a convicção de que o perdera. Tempos depois, com a mesma tristeza o confirmou. Parecia um pai arrasado com a perda de um filho. Dom Afonso amava seu clero com amor de predileção.

2. O Bispo e os leigos. Dom Afonso não se limitou a autorizar a implantação do Movimento de Cursilhos na Arquidiocese. Foi um entusiasta. Logo que pôde, fez questão de participar de um encontro no Morro das Pedras. Esteve presente em todos os atos, deixando entre os participantes a marca de sua humildade, do seu espírito de entrega, de sua disciplina espartana.

Interessou-se pela metodologia do Movimento em suas três fases. Compareceu a reuniões do Secretariado, deu aulas na Escola de Dirigentes, esteve em muitas Ultreyas, isto é, em muitas reuniões de grupos de “cursilhistas”, em várias cidades da Arquidiocese. Muitas vezes manifestou claramente sua alegria pelos prodígios que o Espírito estava operando através desse Movimento. Mais que isso, afirmou taxativamente que a história da Igreja em nossa Arquidiocese dividia-se em duas grandes fases: “antes, e depois do Movimento de Cursilhos”.

O mesmo se deu, por certo, em relação a tantos outros movimentos que floresceram entre nós. Dom Afonso atuava na linha de pensamento de São Paulo: “Provai tudo e retende o que for bom” (1Ts 5,21).

Foi por excelência o Pastor de todas as ovelhas. Prudente e conciliador, era efetivamente Pastor e as ovelhas conheciam a sua voz, estivessem no centro do aprisco, à esquerda ou no extremo oposto.

3. O Bom Pastor se expõe por suas ovelhas (Jo 10,11). Nos anos difíceis da ditadura militar, Dom Afonso enfrentou sem estardalhaço a fúria da repressão. Interveio em favor de presos políticos, interpelou patentes militares, denunciou a tortura, pediu justiça. Preferia a correspondência à Imprensa. Dirigia-se por carta, às vezes por telefone, outras vezes pessoalmente à autoridade de quem dependesse a solução dos impasses.

Nem sempre teve êxito. Mas deixou, perante a autoridade, o registro de sua posição serena e corajosa; perante os perseguidos, o testemunho de sua solidariedade.

Lembro-me que, certa feita, no início dos anos 70, a pedido de uma família a quem queria muito bem, apelou para Dom Jaime de Barros Câmara, o Cardeal do Rio de Janeiro, no sentido de que intercedesse por um jovem catarinense preso em São Paulo na Operação Bandeirantes, no mesmo presídio onde

foram mortos, entre outros, Manoel Fiel Filho e Vladimir Herzog. Dom Jaime gozava de influência nos círculos do poder, sem que isso significasse culpabilidade.

4. Dom Afonso e os Direitos Humanos. Quando presidi, por sua indicação, a Comissão de Justiça e Paz, testemunhei sua firmeza no episódio da invasão da comunidade da Praia do Forte, por soldados da Brigada de Infantaria do Exército. O então comandante, hoje chefe do EMFA, melindrado com as críticas que dirigíramos à infausta operação, recusou-se a receber-nos. Queríamos negociar a permanência dos pescadores na área do Forte, onde sempre viveram, e o Exército queria despejá-los ao argumento de que se tratava de terras do domínio da União, sob sua administração. A brutal invasão, de madrugada, com os soldados utilizando farda de operações na selva e armas de grosso calibre, suscitara verdadeiro clima de guerra. Dom Afonso entrou no circuito, deixou claro que o general seria responsável pelo que sucedesse na segunda invasão, que era iminente e, graças à sua capacidade de dialogar e à sua firmeza, evitou um massacre, em vista do propósito dos pescadores de reagirem com seus facões aos fuzis militares.

Testemunhei sua firmeza no episódio da invasão da comunidade da Praia do Forte

O general em suas intervenções fez críticas à politização dos movimentos populares e pretendeu literalmente ensinar o Pai-Nosso ao vigário.

Durante as negociações a comunidade permanecia em vigília, promovendo concorridos cultos no interior do Forte. O episódio repercutiu em todo o país, graças a uma nota na "Veja" e a um artigo de Jânio de Freitas, conhecido jornalista da Folha de São Paulo, que, estabelecendo um paralelo entre o episódio local e o do Forte de Copacabana, escreveu belo artigo intitulado "Os dezoito do Forte".

Ocorreu-me, então, a ironia de CHARBONNEAUX, em episódio parecido: "Teologia de quartel, Pastoral de general".

Vale ainda uma consideração a respeito. O clima era de enorme tensão. Aos movimentos populares ligados à Igreja e ao trabalho da Comissão de Justiça e Paz, somou-se a OAB, por sua Comissão de Direitos Humanos. Em meio a esse clima, Dom Afonso não perdeu a serenidade. Entre críticas ásperas e expressões pouco lisonjeiras, que lhe foram dirigidas, continuou fiel às pegadas do Mestre quando o agrediu o soldado que queria ser agradável ao sumo sacerdote: "Se falei mal, prova-o; se falei bem, por que me bates?" (Jo 18,23)

Dom Afonso era um espírito aberto. Para ele não havia temas-tabus

Assim era Dom Afonso. Às vezes criticado pela sua "pedagogia da demora", que era de fato pedagogia da prudência, o fato é que, como Pastor, jamais deixou de se expor por suas ovelhas e era conhecida de todos a sua mansidão (cf Fl 4,5).

5. JÁ NESTA VIDA CENTO POR UM. Dom Afonso era um espírito aberto. Para ele não havia temas-tabus.

Certa feita, após a inauguração dos novos laboratórios de ciências do Colégio Catarinense, seguida de coquetel na residência dos Jesuítas, onde nos demoramos em agradável papo, Dom Afonso e eu voltamos juntos, a pé, cruzando os pátios do Colégio e palmilhando sem pressa nossa Rua Esteves Júnior, até o portão de sua residência, onde o deixei.

Falávamos sobre o celibato do clero, as reações que se esboçam em todo canto, o papel negativo de certa imprensa e assim por diante. Em resposta a algumas colocações que lhe fiz, na defesa entusiasmada do celibato do clero, Dom Afonso me surpreendeu com inúmeros testemunhos de Pastores casados, de conduta exemplar, seja pelo inextinguível devotamento às respectivas comunidades, seja pelo devotamento à família. Contou que, em suas andanças pela Europa, interessava-se pela questão, na perspectiva de experiências concretas que pôde conhecer. E tais experiências o impressionaram positivamente. Parecia tão empolgado com elas que não me contive e lhe disse brincado: "Se alguém nos escutasse sem nos ver, sabendo que um é Bispo e o outro, leigo, apostaria que o senhor é o leigo e eu, o Bispo".

Dom Afonso riu gostosamente e, depois, delicadamente pôs as coisas no devido lugar. O que o tempo todo quis dizer é que parte da Igreja havia perdido o espírito de entrega, de doação total a Deus daqueles que se fizeram "eunucos pelo amor do Reino" (cf Mt 19,12). Sem desmerecer as outras linhas de argumentação, o exemplo de Cristo, a dificuldade de conciliação dos deveres de estado, de clérigos e de casados, o que se sobrepunha, com certeza, era a entrega total a um amor sem rival, sem concorrência e sem medida. A discussão estava fora do eixo. Sem essa dimensão, o celibato não teria nenhum sentido, porque o seu móvel seria meramente questão operacional.

Esse o amor com que Dom Afonso se entregou à Igreja: "o límpido e desinteressado amor, como diria Thomas MERTON - que não vive do que recebe, mas do que dá; um amor que aumenta porque se extravasa nos outros, que cresce pelo próprio sacrifício e torna-se poderoso porque se desperdiça".

Seu espírito de justiça e de equidade impunha-lhe a conduta que adotou

6. SEU SENSO DE JUSTIÇA - O Governador Pedro Ivo Campos chamou-me a seu gabinete e me disse que precisava conversar com Dom Afonso a respeito de questão envolvendo certo padre, de outra diocese, acusado de malversação de dinheiros públicos, no exercício de um cargo de confiança.

A questão estava sob meus cuidados na Procuradoria Geral do Estado e a repercussão na Imprensa dava-lhe dimensões de uma nova "questão religiosa".

Era preciso, pois, dar contas a Dom Afonso, até mesmo por pressões que o Governo vinha sofrendo de todo lado, mais da classe política, diga-se a bem da verdade, do que da Igreja, mas havia um Bispo que, sem conhecimento de causa, jurava pela inocência do envolvido.

Dom Afonso ouviu o relato circunstanciado atentamente. Fez algumas perguntas, ora dirigindo-se ao Governador, ora a mim, para esclarecer-se devidamente de todo o *affair*. Contou-nos que, de fato, um seu irmão no episcopado lhe dirigira apelo pedindo sua interferência, mas que, em vista do encontro programado, ele nem tivera tempo de pôr-se a campo. Disse que, de todo modo, a condição de padre não serve de escudo à impunidade e, bem humorado, encerrou o assunto com uma fina ironia, que descontraiu por completo o ambiente:

- Fique sossegado, Governador. Vou dar um retorno a Dom Fulano, esclarecendo as coisas, conforme o seu relato. E acrescentou: - Ademais, os senhores vejam: os padres não estão querendo se parecer cada vez mais com os leigos? Pois então não podem reivindicar tratamento diferenciado. E encerrou o assunto.

Imagino que o coração do Bispo estivesse sofrendo. Mas seu espírito de justiça e de equidade impunha-lhe a conduta que

adotou. Prometemos-lhe, sem que o pedisse, que o caso seria tratado com a máxima discrição – que ele agradeceu – e assim efetivamente foi feito.

Poderia recolher muitos outros episódios de uma amizade que se estendeu por mais de duas décadas, para minha honra; episódios que falam de sua grandeza e de sua simplicidade, como este: Há muitos anos a telefonista de uma Secretaria de Estado ligou para minha mulher e lhe disse: – “Dona Rosa, tem um homem no telefone querendo falar com a senhora. Diz que é o Dom Afonso. A senhora vai atender? Porque é claro que é trote”. Mas não era trote. Era mesmo Dom Afonso, telefonando sem o intermédio de secretário particular – que não tinha – e querendo acertar com ela alguma coisa relacionada à Pastoral. É um episódio singelo, que, todavia, ilustra bem sua personalidade.

Fico por aqui. Em alguma medida, qualquer palavra agora parece vã. VANA VERBA. Dom Afonso, Pastor sereno e sábio. Às vezes me quedava admirando sua capacidade de escutar. A exemplo de Maria, que Dom Pedro CASALDALIGA cantou, em

belo poema, como “a Mãe do Verbo escondida no silêncio”, muitas e muitas vezes, diante das asperezas do seu ministério, em silêncio “guardava todas essas coisas no seu coração” (cf Lc 2,29.51).

Com certeza a esta altura Dom Afonso já se encontrou com sua Irmã Alice e lhe confessou com toda a humildade que aquele apelo, feito anos atrás, quando a visitara enferma, em estado terminal, não fora simplesmente para encorajá-la. Fora mesmo um exercício de preparação para o seu encontro pessoal com o Cristo que vive para sempre.

Dom Afonso, até mais!

* O Autor foi Procurador Geral do Estado e Secretário de Estado da Administração.

Endereço do Autor:

rua Esteves Júnior 458 apt 602
(edifício Flamboyant) – Centro
88015-530 FLORIANÓPOLIS, SC

TESTAMENTO

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Perante o desconhecimento total de minha última hora de vida, quanto ao tempo e quanto ao modo, sigo os ditames da prudência e deixo aqui expressa minha vontade final.

Antes de mais nada, reafirmo a minha definitiva disposição de morrer na graça de Deus, em comunhão com meus irmãos, na Igreja de Cristo.

Desde que abracei o sacerdócio, não mais duvidei dele. Exerci-o imperfeitamente, com muitas e graves falhas, mas a intenção sempre foi a de acertar. À infinita misericórdia divina peço que me perdoe meus pecados, minhas omissões e deficiências. Ignoro a existência de quaisquer inimizades pessoais, mas, se por ventura ofendi por pensamentos, palavras ou ações a quem quer que seja, queira perdoar-me a fraqueza! De minha parte, não levo ressentimentos contra ninguém.

Bendito seja Deus pelos benefícios sem conta que semeou ao longo do caminho de minha vida. Desejo que minha morte seja um ofertório a Deus pelos seminaristas, pelo clero, pelas congregações religiosas, pelos meus colaboradores mais imediatos, pelos meus diocesanos todos; em síntese, pela Igreja de Cristo!

Não possuo bens de maior valor, mais quaisquer propriedades que tiver, por ocasião de minha morte, passarão à Mitra Metropolitana de Florianópolis.

Adeus, até nosso encontro na eternidade, a meus irmãos, parentes e conhecidos. Adeus comunidade arquidiocesana. Adeus ao povo de Florianópolis.

Jesus, Maria e José, expire minha alma entre vós em paz!

Florianópolis, aos 12 de março de 1972

+ Dom Afonso Nêhues

Arcebispo Metropolitano